

Identidade e história: breve olhar sobre os jornais de Manaus no século XX, a partir dos gêneros jornalísticos¹

Vanessa da Costa SENA²
Carlos Fábio Morais GUIMARÃES³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre os jornais impressos de Manaus no século XX, período em que a cidade vivenciou o pós ciclo da borracha e a implantação da Zona Franca de Manaus, além do surgimento do rádio, TV e internet. Destaca-se a questão dos gêneros jornalísticos, pois demonstram as rotinas de produção de notícias por meio de diversos assuntos e públicos. Trata-se de uma revisão bibliográfica que procura também abordar o jornalismo enquanto agente histórico e como elemento constituidor de identidades culturais.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Jornais; Gêneros Jornalísticos; Identidade; Amazonas.

Introdução

Ao longo do tempo, o jornalismo passou por diversas transformações. Do surgimento do jornal, as mudanças estruturais e de conteúdo, o campo jornalístico ampliou seu alcance, principalmente, durante o século XX, quando surgiram outros meios de comunicação, como rádio e TV. Em meio a esse avanço tecnológico, a imprensa escrita – pioneiro meio de comunicação de massa - continuou com a clássica função de agente histórico de diferentes fases da sociedade.

Após a fase de consolidação da imprensa brasileira no final do século XIX, ocorre o que os historiadores classificam como período de profissionalização. Na região Norte do Brasil, especificamente em Manaus (AM) no século XX depois da crise econômica pós ciclo da borracha, a imprensa manauara experimentou transformações em relação a imprensa enquanto estrutura empresarial com elevadas tiragens e custo de produção (PINHEIRO, 2001).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom/UFSM), email: senna.vanessa@gmail.com.

³ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM), email: cfguima@gmail.com.

Perante este cenário, observou-se mudanças também na própria cidade, com o intuito de constituir-se um espaço moderno tendo como exemplo a cidade de Paris⁴. Tais transformações urbanas necessitaram da atuação de vários órgãos, dentre eles, a imprensa, que serviu como um dos agentes que reforçaram um discurso de modernidade que deveria suplantar as características regionais da cidade de Manaus, salientando que essa ideia era voltada “para o progresso, à ordem.” (CALIRI, 2013, p.04).

Vale ressaltar que já nas primeiras décadas do século XX, os periódicos locais enfrentaram resistência por parte de leitores que defendiam um jornalismo restrito à norma culta da burguesia. Por questão de estilo esses jornais eram, muitas das vezes, adeptos a uma linguagem coloquial, o que já demonstrava como eram produzidas as notícias e, conseqüentemente, formas e conteúdos que foram sendo adaptados ou remodelados para atender ao mercado e ao público.

Diante deste cenário, busca-se destacar a questão dos gêneros jornalísticos, especialmente, os mais destacados: opinativo e informativo. Os gêneros jornalísticos denotam as próprias rotinas de produção de notícias, caracterizados por diversos fatores, como forma, apresentação, em virtude de razões como multiplicidade de assuntos abordados e diversidade do público. Sendo assim, compreender os gêneros jornalísticos significa estabelecer comparações entre as notícias, buscar identidades e indagar procedências.

A partir dessa contextualização, este trabalho busca realizar um breve olhar sobre os jornais impressos de Manaus no século XX, levando em consideração a questão dos gêneros jornalísticos, ou como os estilos empregados pela imprensa exerceram funções importantes de registro da dinâmica da sociedade. Paralelamente, busca-se evidenciar como o jornalismo também pode ser abordado a partir dos estudos culturais, com a proposta de tratá-lo baseado em uma perspectiva cultural, dando importância ao circuito comunicativo composto pelas fases da produção, texto e consumo.

Por meio de levantamento bibliográfico, recorreu-se a Benchimol (2009) e Batista (2007), para abordar a Amazônia e Manaus (AM); acerca do surgimento dos jornais em Manaus, Caliri (2013) e Freire (1999); em relação aos gêneros jornalísticos, Machado (2001), Medina (2001) e Melo (2003 e 2012). A respeito dos estudos

⁴ No período áureo da borracha, a cidade de Manaus ficou conhecida como a Paris dos trópicos. O período também ficou conhecido como *belle époque*.

culturais, Temer e Nery (2012), Fellipi e Escosteguy (2013) e Hall (2006) servem como norteadores deste artigo.

Manaus – da Paris dos trópicos a cidade triste dos trópicos

Numa breve descrição, Benchimol (2009, p.19) apresenta a Amazônia como um “segmento e produto brasileiro tropical de múltiplas correntes e grupos culturais. A sociedade que aqui se formou traz, ainda, a marca e os insumos sociais, biológicos e étnicos de muitos povos, tradições e costumes”. É uma região que abriga uma vasta floresta equatorial e onde o processo cultural tem como característica principal a multidiversidade de povos e nações.

Para entender o processo de desenvolvimento da região, Batista (2007) parte da geografia humana para classificar a Amazônia, a partir da localização de seus habitantes. Direcionando os estudos para o Amazonas, interessa, portanto, a Amazônia brasileira das metrópoles, onde está inserida Manaus juntamente com Belém, cidades representativas com características próprias, “e por isso constituem o que chamo de Primeira Amazônia, para a qual convergem navios, aviões, visitantes e imigrantes, além das rendas e da produção de extensas áreas” (BATISTA, 2007, p. 111). O autor reconhece os vínculos históricos, políticos e sociais que as duas cidades possuem com a Amazônia, onde o rio Amazonas liga as duas metrópoles à população do interior, que exerce o centro da economia nas duas principais capitais amazônicas.

Na segunda metade do século XIX, o Amazonas – especificamente Manaus – viveu o auge da Borracha. Esse período ficou conhecido como *Belle Époque*, pois a cidade recebeu uma herança arquitetônica e cultural das principais cidades europeias, em especial, da França. Nessa época, foram construídos prédios luxuosos, a capital amazonense foi a primeira no Brasil a ter bonde, luz elétrica e telefone e foi chamada de Paris dos trópicos. Um exemplo do apelido refere-se ao Mercado Municipal da cidade, réplica do *Les Halles*, com vitrais coloridos e lindas estruturas de ferro batido. Batista (2007) relata que os filhos de barões eram enviados à França para formação acadêmica e profissional. De volta a Manaus, acostumados à vida cultural parisiense, eles encontravam no Teatro Amazonas ares de refinamento. Houve até um período que o francês foi a língua falada na cidade.

Com a queda na produção – em virtude do contrabando de mudas de seringueiras para Malásia - a extração declinou e a economia despencou. Para Sousa (2017), o duro golpe sofrido pelos produtores de borracha da região norte ainda pode ser compreendido em razão da falta de estímulo do governo imperial. Atrelado ao interesse econômico dos cafeicultores, o governo monárquico não criou nenhuma espécie de programa de desenvolvimento e proteção aos produtores de borracha. Manaus viveu numa profunda crise e saiu de cena no cenário nacional até a chegada do Modelo de Zona Franca, do qual pode se reerguer novamente como um importante polo da região Norte.

Foi também no período “pomposo” que a própria imprensa passou por modificações com a introdução de novas tecnologias e estilos de produção editorial, transformando-se em uma significativa fonte histórica na reconstituição do passado, resgate de memórias e de dimensões sociais importantes.

Nessa época, além da consolidação da imprensa como empresa, também tivemos um grande número de jornais diários ou pequenas folhas que atuaram na cidade de Manaus no papel de veiculadores de imagens e reguladores da vida dos habitantes (CALIRI, 2013, p.02)

Caliri (2013) explica que o periódico impresso se tornou um importante espaço de renovação da cultura letrada, com espaço para formulação, discussão e difusão de ideias, processos e práticas culturais, aproximando o jornalismo do cotidiano da vida urbana. Já Cruz (2007) atenta sobre a necessidade de situar os jornais no contexto socioeconômico em que estavam inseridos, a fim de compreender o impacto desse meio de comunicação à sociedade de Manaus.

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos (...) nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico (CRUZ, 2007, p. 259)

Para explicar a história da imprensa manauara, Freire (1999) define cinco fases do jornalismo nacional baseadas em diversas concepções do periodismo, com características e linguagens comuns: o jornalismo áulico, o panfletário, o literário, o político e o informativo. Manaus não se esquivou da regra e cada tipo representou um

determinado período histórico, mas coexistiu a certa altura com os demais em diversos formatos, somando-se as peculiaridades regionais.

Em meio a essas fases, Manaus passou por mudanças que procuravam constituir uma cidade moderna no Norte do Brasil, como alargamento de ruas, embelezamento de praças e monumentos, demolição de prédios e, posteriormente, instalação de indústrias com o Polo Industrial de Manaus. Caliri (2013) aponta que a ideia de modernidade proposta pelos setores dominantes da cidade está relacionada “[...] ao conceito de cultura enquanto civilização, enquanto progresso e fruto de uma sociedade capitalista industrial [...]” (CALIRI, 2013, p. 04). Ainda segundo a autora (CALIRI, 2013), no século XX, além da consolidação da imprensa como empresa, houve também um grande número de jornais diários que atuaram como veiculadores de imagens e reguladores da vida dos habitantes.

Gêneros jornalísticos na imprensa

Com a expansão do jornalismo, os jornais incorporaram novos assuntos e produziram novos gêneros de texto como reportagens, entrevistas e crônicas, o que ocasionou o surgimento das editoriais especializadas em temas com abordagens específicas em esportes, cultura, polícia e até mesmo notícias internacionais (LUCA, 2008).

Nota-se, então, que a mensagem jornalística experimentou transformações significativas, como resultado das evoluções tecnológicas que definiram suas formas de expressão, “mas sobretudo em função das alterações naturais que se defronta e a que se adapta a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural” (MELO, 2003, p. 42).

Nesse contexto, verifica-se os gêneros jornalísticos que têm como objetivo identificar as diferentes intenções dos discursos do jornalismo, como informar, opinar, interpretar e divertir, conforme explica Melo (2003):

Se os gêneros são determinados pelo estilo e se este depende de uma relação dialógica que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas), é evidente que a sua classificação restringe-se a universos culturais delimitados. Por mais que as instituições jornalísticas assumam hoje uma dimensão transnacional em sua estrutura operativa, permanecem contudo, as especificidades nacionais

ou regionais que ordenam o processo de recodificação das mensagens importadas. Tais especificidades não excluem as articulações interculturais que muitas vezes subsistem através das línguas e são prolongamentos do colonialismo (identificações anglo-asiáticas, franco-africanas, luso-brasileiras, hispano-americanas) (MELO, 2003, p.44)

Medina (2001) corrobora sobre a existência de muitos gêneros no jornalismo, quantidade que dependerá da complexidade e diversidade da sociedade. Para uma determinada localidade, “[...] uma coisa pode ser um gênero e, para outra, um subgênero ou ainda, para uma terceira, poderá ser supergênero. O mesmo texto pode pertencer a gêneros diferentes em países e tempos também diferentes [...]” (MEDINA, 2001, p.49).

Melo (2012, p. 219) assinala que os processos de comunicação humana experimentam mudanças nos modos de expressão orgânica devido às transformações da sociedade, principalmente, em relação às inovações tecnológicas ocasionadas pela digitalização que determinam alterações nos hábitos de consumo cultural. No campo do jornalismo, essa rotina e as próprias mudanças de negociação entre produtores e consumidores alteram a condição dos gêneros, interferindo nos formatos e origem de novos tipos de mensagem (MELO, 2012, p. 220).

De acordo com Machado (2001), os gêneros proporcionam pistas para estudos tanto da escrita quanto para leitura ou recepção, assemelhando-se a um sistema codificado que permite transformações contínuas. A autora reconhece que o predomínio do gênero não é apenas uma tendência de mercado, é preciso definir as formas dominantes no processo cultural, além de “[...] visualizar o quadro evolutivo dessas formas no processo das gestões culturais. A propósito, recuperar os elos do processo cultural e sua conseqüente explosão num sistema é uma das propriedades dos gêneros” (MACHADO, 2001, p. 07).

Para caracterizar o conteúdo publicado nos periódicos impressos, diversos autores classificam os gêneros. Melo (2003, p. 65) visualiza uma classificação direcionada para a intencionalidade e a natureza estrutural do relato do material jornalístico: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta). Categorização que será utilizada neste trabalho, em razão de serem gêneros hegemônicos e que norteiam o próprio jornalismo, segundo demonstra Lopes (2010).

Os géneros jornalísticos “ordenam” o material informativo, produzem discursos sociais mais ou menos diferenciados. Funcionam como categorias básicas intrinsecamente ligadas à expressão da mensagem jornalística, à sua forma e estrutura. Basicamente, podemos dizer que existem dois grandes grupos onde se “arrumam” os géneros jornalísticos enquanto matriz teórica: o que serve para dar a conhecer factos/acontecimentos, através da sua descrição e narração; e o que visa dar a conhecer ideias, através da exposição de comentários e juízos de valor acerca de factos/acontecimentos. No primeiro caso, falamos de géneros informativos (facts); no segundo, de géneros opinativos (comments) (LOPES, 2010, p. 08)

É possível inferir que a classificação dos géneros jornalísticos está estreitamente relacionada com as diferentes etapas históricas não só do jornalismo, mas da sociedade e sua dinâmica de mudanças. “Os géneros e subgéneros jornalísticos variam com as épocas, os tempos, os ‘gostos’, as ‘modas’” (LOPES, 2010, p. 10).

Jornalismo e identidade

Esse pensamento que os géneros variam de acordo com o tempo vai ao encontro do que Hall (2006) que diz que o sujeito pós-moderno é configurado não tendo apenas uma identidade fixa, essencial ou permanente. Para o autor (HALL, 2006, p.13), “a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Logo, a classificação dos géneros está relacionada diretamente às identidades culturais, o que gera aproximação entre os campos do jornalismo e dos estudos culturais.

Fellipi e Escosteguy (2013) justificam essa relação com a intenção de abordar a prática jornalística, seu processo e produtos como fenómeno cultural, referindo-se ao entendimento global do processo comunicativo, o qual almeja a visão integrada da produção, circulação e recepção, sem recorrer ao isolamento das partes.

No século XX, principalmente nos anos 1960 e 1970, os estudos culturais ganharam reforço ao estudarem a relação entre a sociedade e as mudanças sociais, com base nas formas, atividades práticas, instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação da cultura (NERY e TEMER, 2012). Nesse aspecto, Hall (2006) propõe que a sociedade não é unificada e nem delimitada, “[...] ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada para forças fora de si mesma”

(HALL, 2006, p. 17), onde cada sujeito está se fragmentando a ponto de ser composto por várias identidades que não são permanentes.

A sociedade preconizada por Hall (2006) apresenta diversas culturas de variados lugares dispostas em um mesmo local, fundamentada nas migrações e na difusão das comunicações. Espaço onde os meios de comunicação são identificados como elementos ativos da estrutura social:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelo, ou melhor, fazendo apelo a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p.75)

Dentro dessa visão, os estudos culturais estão concentrados nas práticas cotidianas das indústrias culturais e da utilização das mídias, onde as mensagens dos meios de comunicação de massa adquirem diferentes significados a partir da subjetividade dos diferentes grupos sociais.

Em um contexto marcado pela globalização, Barbero (apud SANTOS, 2008) afirma que as pessoas procuram uma identidade nos meios de comunicação de massa, pois os espaços urbanos têm tornado os comportamentos homogêneos e proporcionado “[...] outras formas de sociabilidade e de comunicação (em novos movimentos sociais)” (BARBERO apud SANTOS, 2008, p. 126).

Com base em Hall (2006), Fellipi e Escosteguy (2013), Nery e Temer (2012) e Barbero (apud SANTOS, 2008), compreende-se que o jornal enquanto meio de comunicação reforça a ideia proposta por Pereira (2011, p.61), no que diz respeito à comunicação como “uma prática cultural que serve para romper o isolamento dos indivíduos e inseri-los na sociedade”. No caso da capital do Amazonas, para diminuir a exclusão, é preciso levar em consideração as distâncias, as dificuldades para locomoção e a própria história da região que envolve povos com línguas próprias e colonizadores que possuíam uma cultura totalmente diferente (MONTEIRO; COLFERAI, 2011, p. 34).

Sendo assim, os jornais que circularam em Manaus tiveram papel fundamental na divulgação do discurso da modernidade e contribuíram para moldar a identidade da

sociedade da época que buscava referência na Europa, principalmente, em Paris, e mais tarde na região Sudeste do Brasil com a chegada das indústrias à capital e dos novos meios de comunicação – rádio e TV, recebendo influências de grandes metrópoles nacionais e internacionais. Reforçando o pensamento de Hall (2006) sobre a sociedade possuir uma diversidade de culturas disponível ao mesmo tempo e em um mesmo lugar, onde as pessoas são influenciadas por diferentes identidades. No caso de Manaus, há uma multidiversidade de grupos culturais, conforme expõe Benchimol (2009).

Dessa forma, os periódicos tornaram-se, como propõe Caliri (2013), reguladores da vida dos moradores da capital do Amazonas, deixando para trás o passado considerado como atrasado e retrógrado e incentivando a ideia da modernidade proposta pela sociedade capitalista industrial da época.

Por fim, se os jornais passaram por mudanças e influenciaram a população manauara no século XX, é importante ressaltar que os gêneros jornalísticos acompanharam essas transformações e foram influenciados pelas rotinas de produção e processos editoriais dos veículos de comunicação de massa e pelo avanço tecnológico e cultural do local onde as empresas jornalísticas estavam inseridas, tornando-se, segundo Medina (2001, p. 45), em um fenômeno histórico que passa por fases em meio ao desenvolvimento da sociedade.

Considerações

Como proposto inicialmente, este artigo bibliográfico teve como objetivo apresentar um breve olhar sobre os jornais que circularam em Manaus no século XX, pois trata-se de um estudo de doutoramento que se encontra em fase inicial e ainda haverá desdobramentos que serão abordados posteriormente em outros trabalhos.

Todavia, buscou-se destacar os gêneros jornalísticos porque entende-se que são determinados pela produção dos meios e por manifestações culturais de cada sociedade onde os veículos de comunicação de massa estão inseridos, além de apresentarem dados importantes sobre o desenvolvimento da imprensa no Brasil e, principalmente, em Manaus. A evolução dos periódicos, a partir de seus conteúdos e formas, possui influências de elementos econômicos, políticos, culturais e sociais.

Com base nesse pensamento, observa-se que esse meio de comunicação exerceu papel importante para registrar a dinâmica da sociedade no século XX, sendo um constituidor também de identidades por meio de suas dimensões de produção e

consumo, o que torna necessário este registro para contribuir nas reflexões sobre comunicação, memória e historicidade.

Referências

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. Manaus: Valer, 2009.

CALIRI, Jordana. **Os sonhos da cidade**: a modernidade e os jornais amazonenses no início do século XX. Escritas vol. 5 n.1 (2013). ISSN 2238-7188, pp. 3-13.

CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: Educ; Fapesp; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

FELIPPI, Ângela; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Jornalismo e estudos culturais**: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. Revista Rumores, Brasil, v. 7, n. 14, p. 8-27, dec. 2013. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69427/72007>>. Acesso em 18 de outubro de 2016.

FREIRE, José Ribamar Bessa (Org). **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)**. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Paula Cristina. **Gêneros literários e gêneros jornalísticos**: uma revisão teórica de conceitos. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lobes.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2016.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MACHADO, Irene. **Por que se ocupar dos gêneros?** Revista Symposium, Brasil, Ano 5, nº 1, p. 5-13, janeiro-junho 2001.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos**: repensando a questão. IN: Revista Symposium. Universidade Católica de Pernambuco, 2001.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **História do jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. **Por uma pesquisa amazônica em comunicação**: provocações para novos olhares. In: MALCHER, Maria Ataíde et alli. (Orgs.). Comunicação midiaticada na e da Amazônia. Belém, PA: Fadusp, 2011.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **Ecosistemas comunicacionais**: uma proposição conceitual. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). Comunicação midiaticada na e da Amazônia. Belém, PA: Fadusp, 2011.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880- 1920). Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001.

TEMER, Ana Carolina R. P.; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Edufu, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação**: da fala à internet. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Ciclo da Borracha**. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/historiab/ciclo-borracha.htm>>. Acesso em 15 de abril de 2017.